

TRABALHO 01:

CAMINHOGRAFIA DOS ENCONTROS NA CIDADE

INTRODUÇÃO (aquecer-se)

O trabalho registra e analisa a experiência na disciplina “Caminhografia Urbana”, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ministrada no segundo semestre de 2019, com o objetivo de desenvolver e reunir metodologicamente o caminhar e o cartografar pelas cidades.

O caminhar como prática estética e ética, a partir das experiências de transurbância indicadas por Francesco Careri em “Walkscapes” (2006), no percurso transformando e intervindo na cidade.

O Dada descobrira no coração turístico de zozzo a existência de uma cidade banal e do cotidiano onde descobrir continuamente relações inesperadas; com uma ação de atribuição de valor estético, o ready-made urbano revelará a existência de uma cidade que se opunha tanto as utopias hipertecnológicas da cidade futurista como à cidade pseudo-cultural do turismo (CARERI, 2006, p.163).

O cartografar, deleuze-guattariano (1995), um mapear de processos que podem ser inscritos na cidade, atravessados por forças e potências que resistem e criam.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação pública ou como uma meditação (DELEUZE, 1995, p.21).

Ambas ideias — caminhar e cartografar — vem permeando as atividades de pesquisa de diversos grupos nacionais e internacionais, que buscam conhecer e agir na cidade praticando o que chamamos aqui de caminhografia urbana.

A proposta processo teve como temática, do semestre, a caminhografia dos encontros na cidade de Pelotas. Os encontros com o aqui-e-agora (ORLANDI, 2014), com os entre-tempo e entre-lugares da cidade na contemporaneidade, pensando a cidade numa imersão com a própria — produzindo-a.

Dividimos a experiência em em três momentos (Fig. 1): origem, o caminhar e o mapear. A origem ou de onde partimos? O plano era encontrar-se em algum lugar da

cidade, saindo de sua casa, da universidade, de algum ponto de partida para caminhar. Decidida a partida a ideia era caminhar solitariamente, abertos aos encontros, e todos na direção do encontro no lugar marcado previamente.

Os caminhografos eram arquitetos e urbanistas e artistas^[1]; mestrandos, estudantes de graduação, professores e pesquisadores. Todos carregavam seus cadernos de campo, suas câmeras e toda a curiosidade possível. Perguntavam-se: Como compor um mapa dos encontros na/da cidade? Quem faz parte dele? Quais perceptos e afectos iremos reconstruir com a cidade?

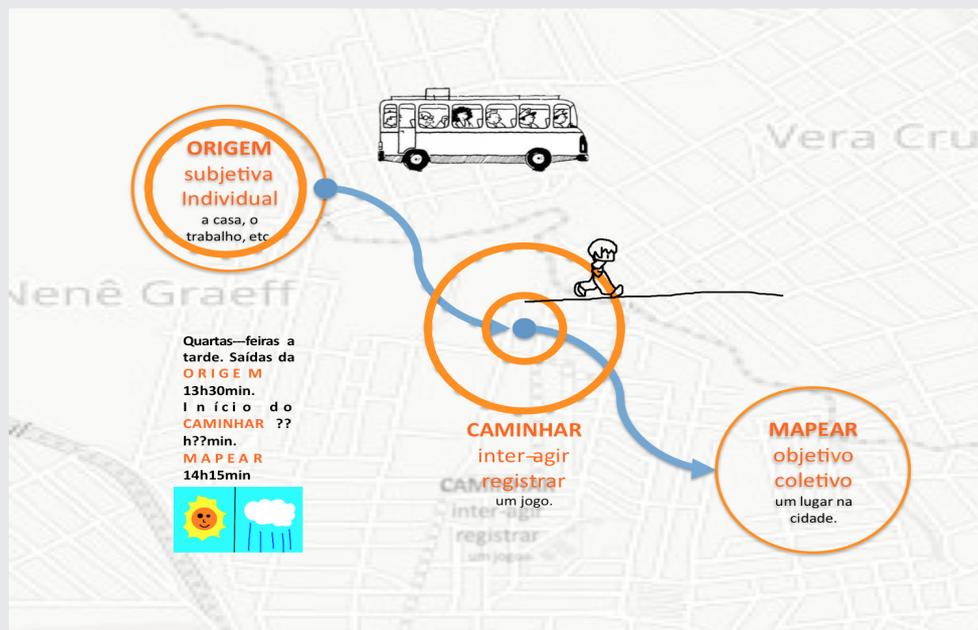


Figura 1: Procedimentos metodológico da caminhografia dos encontros.
Fonte: Eduardo Rocha (2019).

CAMINHOGRAFAR ENCONTROS (caminhografar-se)

Foram ao todo sete encontros em diferentes pontos da cidade de Pelotas. Lugares de encontro: o pátio central do Mercado Público, o estacionamento de um Hipermercado,

[1] Foram caminhógrafos na turma 2019/2: Eduardo Rocha, Valentina Machado, Bianca Rami- res, Carolina Sebalhos, Carolina Ritter, Fernanda Fedrizzi, Fernando Kikuchi, Flávio Baumbach, Gabriela Cavalheiro, Humberto Levy de Souza, Isabella Maricatto, Laís Portela, Larissa De Andrade Carvalho, Lívia Cava, Luana Detoni, Luiza Quintana, Marina Mecabô, Rafael Luz, Shirley dos Santos, Sirlene Sopena, Taís Beltrame, Thalissa Soares e Vanessa Forneck.

o cemitério, a frente de uma escola pública, o parque privado de um condomínio, uma galeria/terminal de onibus e embaixo de caixa d'água na periferia da cidade (Fig. 2).

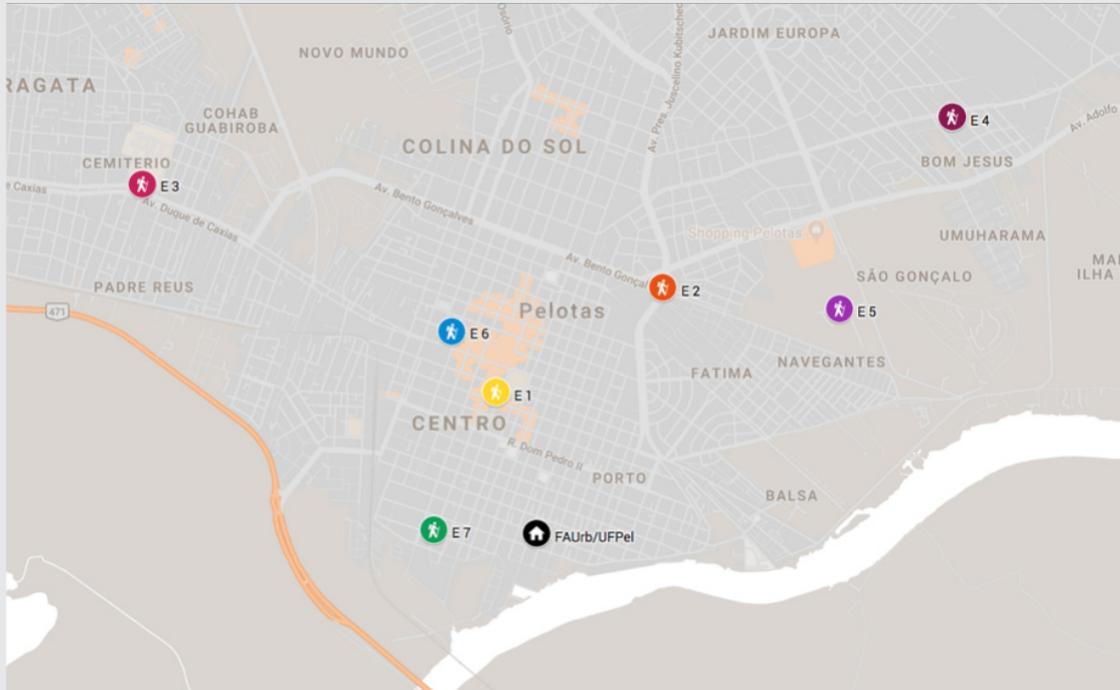


Figura 2: Mapa dos encontros.

Fonte: Eduardo Rocha (2019).

A cada semana o grupo combinava um lugar de encontro e um jogo para ser praticado na caminhada solitária. Caminhamos faça chuva ou sol, por calçadas, ruas, desvios, galerias, becos, etc; cada um fazendo o seu caminho.

Na caminhada jogávamos: falando com pessoas, coletando “coisas”, intervindo com escritas urbanas, comendo, convidando amigos para ir junto, tirando fotos, filmando, fazendo anotações, desenhos, etc; tudo pelo caminho. Muitas vezes nos encontrávamos, uns com os outros, ao longo do trajeto. Em parte andávamos juntos, já conversando e interagindo.

Ao chegar ao ponto de encontro (Fig. 3) contávamos sobre o caminho percorrido, o que encontramos, o que sentimos, como nos localizamos, tentando cartografar o percurso, o lugar, o bairro e a cidade. Reunidos em grupo - no encontro - escrevíamos, conversávamos, nos alimentávamos, ríamos, andávamos de novo (agora em grupo) e perdíamos o tempo.

Notamos que caminhar sozinho implica uma forma de perceber os espaços que se difere da experiência enquanto prática coletiva. Quando caminhamos em dupla ou em

grupo conversarmos mais acerca dos espaços percorridos e discutimos sobre estes lugares, já a caminhada solitária acaba por nos tornar mais observadores, com um olhar mais aguçado sem dispersar a atenção como acontece na experiência coletiva. Entendemos que são formas diferentes e complementares de se ver/ ler o espaço.



Figura 3: Mosaico com imagens dos encontros.
Fonte: Eduardo Rocha (2019).

DEPOIS DE CAMINHAR (alongar-se)

Como experimentação final, foram entregues os cadernos de campo de cada caminhografo e criados textos coletivos além de um mapa collage sobre a experiência. Os textos coletivos foram realizados no formato de escrita contínua, sobre a memória de cada encontro que a partir das narrativas individuais geraram um resultado surpreen-

dente acerca da leitura dos espaços da cidade. O mapa collage (DELINY, 2018), construído a partir da junção de fragmentos de fotos e desenhos registrados pelos caminhografos ao longo da experiência dos encontros, nos dá pistas da força que cada um dos lugares experimentados carrega. Uma cidade lida e experienciada de forma individual resultando em um mapa que reúne a subjetividade deste grupo rizomático que se espalhou e se encontrou mapeando multiplicidades.

Ao fim da experiência foi possível vislumbrar novos mapas da cidade, diferentes pontos de vista - múltiplos e coexistentes - problemas e soluções, público e privado, interior e exterior, unidos por um movimento de modos de vida, em devir.

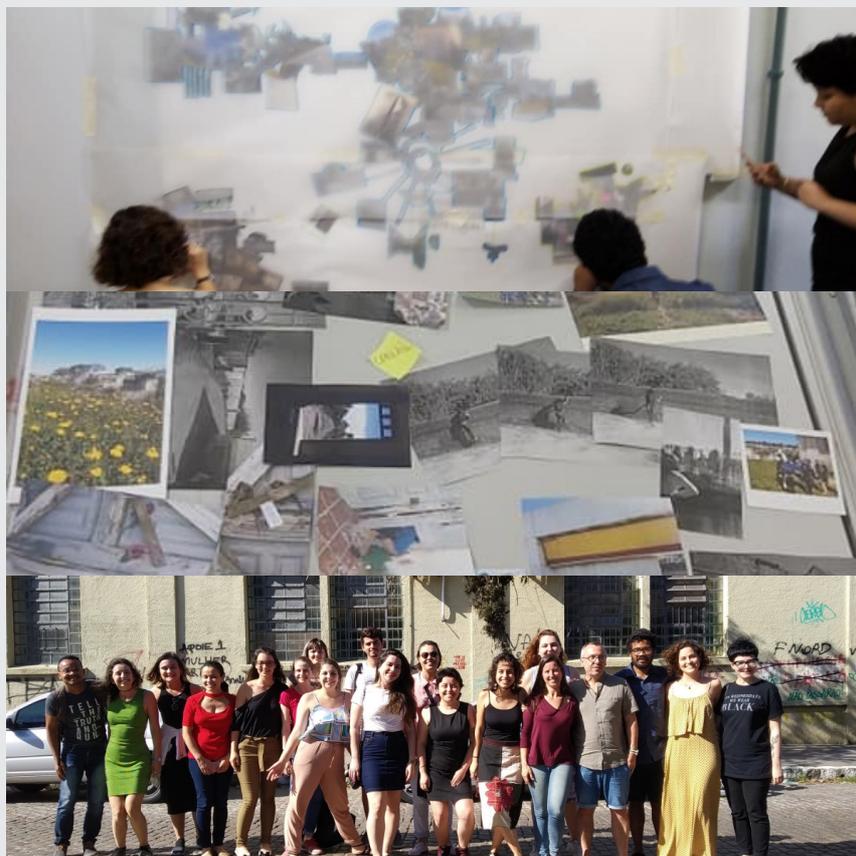


Figura 4: Encontros finais.

Fonte: Eduardo Rocha (2019).

REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. Walkscapes: el andar como practica estética. Barcelona: Gustavo Gilli, 2006

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. V. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELIGNY, Fernand.O Aracniano e outros textos. São Paulo: n-1, 2018.

ORLANDI, Luiz. Um gosto pelos encontros. 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/>. Acesso em: 2 de janeiro de 2020.